



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



FLÁVIA FERREIRA DA COSTA

TECENDO IDENTIDADES DE GÊNERO:

Contribuições da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil

**GOIÂNIA
2024**

FLÁVIA FERREIRA DA COSTA

**TECENDO IDENTIDADES DE GÊNERO:
Contribuições da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e
juvenil**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica
Linha de Pesquisa: Concepções teórico-
metodológicas e práticas docentes

Orientadora: Professora Dra. Ilma Socorro Gonçalves
Vieira

Coorientadora: Professora Dra. Lucinéia Scremin
Martins

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Flávia Ferreira da
TECENDO IDENTIDADES DE GÊNERO [manuscrito] :
Contribuições da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e
juvenil / Flávia Ferreira da Costa. - 2024.
XLIX, 49 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira; co
orientadora Dra. Lucinéia Scremin Martins.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de
Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa
de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia,
2024.

Bibliografia.
Inclui fotografias.

1. Ensino de Literatura. 2. Identidades de gênero. 3. Literatura de
recepção infantil e juvenil. 4. Formação de leitores na Educação Básica. I.
Vieira, Ilma Socorro Gonçalves, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e cinco dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 14 horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada **A construção de identidades de gênero a partir da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil** e do Produto Educacional intitulado **Tecendo Identidades de Gênero: contribuições da leitura literária de narrativas de recepção infantil e juvenil**, resultados da pesquisa realizada pela discente **Flávia Ferreira da Costa**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Participaram da sessão a Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira (PPGEEB-Cepae-UFMG), como presidente da banca; a Profa. Dra. Lucinéia Scremin Martins, como coorientadora da pesquisa; a Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB-Cepae-UFMG), como membra interna; e a Profa. Dra. Flávia Motta de Paula Galvão (Cepae-UFMG), como membra externa. Por meio de parecer escrito, lido durante a sessão, participou da avaliação dos trabalhos a Profa. Dra. Keila Matida de Melo (FE-UFMG), como membra externa. Ao término da sessão de defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados APROVADOS.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, a Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com as demais membras da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira (PPGEEB-CEPAE-UFMG) - presidente,

Profa. Dra. Lucinéia Scremin Martins (FCS-UFMG) - coorientadora,

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB-CEPAE-UFMG) - membra interna,

Profa. Dra. Flávia Motta de Paula Galvão (Cepae-UFMG) - membra externa,

Profa. Dra. Keila Matida de Melo (FE-UFMG) - membra externa.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Goncalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 25/06/2024, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vivianne Fleury De Faria, Professor do Magistério Superior**, em 25/06/2024, às 18:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Motta De Paula Galvao, Professor do Magistério Superior**, em 25/06/2024, às 19:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Keila Matida De Melo, Professora do Magistério Superior**, em 06/07/2024, às 07:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucineia Scremin Martins, Professor do Magistério Superior**, em 08/07/2024, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4605123** e o código CRC **F0110A7D**.

Referência: Processo nº 23070.028201/2024-29

SEI nº 4605123

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL
(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: E-book contendo experiências e estratégias didáticas na perspectiva da promoção da leitura literária envolvendo estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, no qual são analisadas as contribuições da leitura de determinadas narrativas literárias para a desconstrução de concepções sexistas e patriarcais sobre a figura feminina e para a promoção de um processo de formação humana baseado na equidade e na valorização de aspectos e atitudes importantes na constituição de identidades de gênero.

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

E-book abordando referenciais teórico-metodológicos acerca de uma abordagem crítica de temas sensíveis relacionados a identidades de gênero, por meio da literatura de recepção infantil e juvenil.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Professores das redes pública e privada da Educação Básica; Bibliotecários; Estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio; e Comunidade em geral.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

Alto impacto – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

Médio impacto – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.

Baixo impacto – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

- Ensino
- Aprendizagem
- Econômico
- Saúde
- Social
- Ambiental
- Científico

O impacto do Produto Educacional é:

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc.)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação:

O Produto Educacional foi aplicado em uma pesquisa de campo com 15 estudantes do 6º ano do E.F, da Escola Municipal Professora D'alka Leles, situada na região Norte de Goiânia/GO. Teve duração de 40 horas. Foram realizadas diversas atividades, incluindo leituras, produção escrita, criação de painéis e discussões sobre narrativas literárias de recepção infantil e juvenil, contribuindo para o questionamento de concepções sexistas e patriarcais sobre as mulheres.

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB

Cooperação com outra instituição

Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

Licença Creative Commons

Domínio de Internet

Patente

Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: _____

Obs: (no caso de creative commons, informe o link <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/br/>) (Esse link está disponível no cadastro do Produto feito no EduCAPES).

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

Não se aplica.

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, minicurso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

O Produto Educacional foi apresentado no IX Seminário de Dissertações do PPGEEBCEPAE/UFG, em 14 de fevereiro de 2023.

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim () Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

Anais eletrônicos/digitais

COSTA, Flávia Ferreira da. *Tecendo Identidades de Gênero: contribuições da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil*. Comunicação Oral no X Seminário de Dissertações do PPGEEB, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.p.53. Disponível em [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/Anais - IX Seminario PPGEEB Cepae-UFG ano 2023 - diagramado VF conferida em 09-10-23.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/Anais_-_IX_Seminario_PPGEEB_Cepae-UFG_ano_2023_-_diagramado_VF_conferida_em_09-10-23.pdf) . Acesso: 09 jul. 2024

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

(essa parte deve vir em uma página sozinha, na parte inferior)

Produto Educacional Registrado na Plataforma EduCAPES com acesso disponível no link: http://XXXXXX
Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG) (https://repositorio.bc.ufg.br/tede/). (ATENÇÃO: apague essa informação sobre a Biblioteca caso você tenha marcado “NÃO” no TECA)
Outras formas de Registro (informar o tipo de registro, número e forma de acesso, como no exemplo do EduCAPES).
Outras formas de acesso: (informe links, além dos já informados, ou indique bibliotecas onde está disponível. Para vídeos no youtube, no vimeo ou outros, indique o link. Caso o produto esteja na Biblioteca do CEPAE ou em outra, informe o nome completo da biblioteca)

DEDICATÓRIA

Este *e-book* é dedicado às mulheres que desafiaram e continuam desafiando as normas de gênero, às vozes que ecoam a luta pela equidade, àquelas e aqueles que se empenham na desconstrução de estereótipos e que buscam construir um mundo mais inclusivo e justo. Que possamos continuar avançando juntos na jornada rumo à equidade de gênero e ao respeito pela diversidade humana.

Também é dedicada as professoras e professores visionários/as que acreditam no poder transformador de uma educação que aborda questões de gênero. Seu compromisso com a igualdade, a diversidade e o respeito pelas diferenças é uma fonte de inspiração para todas(os) nós. Que continuemos juntas(os) na construção de um ambiente educacional inclusivo, onde cada indivíduo seja valorizado(a) e respeitado(a), independentemente de seu gênero.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade maior e aos orixás, que iluminam e abrem meus caminhos nesta trajetória acadêmica, trazendo pessoas maravilhosas para compartilhar este caminhar, repleto de luz e desafios. À minha mãe, Áurea, uma mulher destemida e inspiradora. Ao meu companheiro, Jhonathan Diego, que escolheu caminhar ao meu lado, apoiando minha jornada de crescimento pessoal e também se engajando na construção de um mundo mais igualitário. Ao meu filho, Juan, que busca desconstruir padrões em um mundo ainda tão machista, e às minhas filhas, Maria Eduarda e Ana Júlia, verdadeiras inspirações feministas que me motivam diariamente. Agradeço por ter a oportunidade de crescer e evoluir ao lado dos meus filhos.

A Leosmar e Bárbara, cuja confiança em mim foi um farol durante os momentos de dúvida, incentivando-me a embarcar nesta jornada acadêmica. Aos colegas da 10ª turma do PPGEEB, que se tornaram verdadeiros parceiros de caminhada, pois ninguém caminha sozinho(a). Um agradecimento especial às amigas Cintia Dias e Cleiry Carvalho, cujas presenças tornaram o percurso dessa pesquisa mais leve e significativo.

À Universidade Federal de Goiás, expresso minha sincera gratidão por todas as oportunidades que me foram oferecidas desde minha formação inicial na Faculdade de Educação. Ao PPGEEB do CEPAE/UFG, estendo meus agradecimentos às professoras, professores e técnicos-administrativos em Educação, assim como à coordenação, pelo apoio e incentivo na publicação do produto educacional, cujos custos serão custeados pelo programa.

Expresso minha gratidão especial, às professoras doutoras que me inspiraram e incentivaram: Célia Sebastiana da Silva, Ilma Socorro Gonçalves Vieira e Vivianne Fleury de Faria. Com suas aulas inspiradoras pude perceber que por meio da literatura podemos descobrir novos mundos, explorar ideias fascinantes e desenvolver um apreço duradouro pela arte da palavra escrita. Vocês me ensinaram a ler com os olhos da imaginação, a interpretar com profundidade e a apreciar a riqueza das histórias que permeiam nossa existência. Destaco minha profunda gratidão à minha orientadora, Professora Doutora Ilma Socorro Gonçalves Vieira, pela parceria, respeito, atenção e apoio inestimáveis ao longo de todo o processo de realização do mestrado. À minha coorientadora, Professora Doutora Lucinéia Scremin Martins, meu agradecimento pelo incentivo e pelas valiosas discussões feministas que enriqueceram minha jornada acadêmica. Por fim, a todas e todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta caminhada.

“O Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo, os números são assustadores. [...] E eu pergunto a vocês: seguiremos nos recusando a falar sobre igualdade de gênero? Até quando? [...] Enfrentar este debate é nos comprometermos com a democracia e com nosso avanço civilizatório. Falar de igualdade entre mulheres e homens, meninas e meninos, é falar pela vida daquelas que não puderam ainda se defender da violência. [...] Somos a maior parte da população, ainda que sejamos pouco representadas na política. Ainda que ganhemos salários menores, que estejamos em cargos mais baixos, que passemos por jornadas triplas, que sejamos subjugadas pelas nossas roupas, violentadas sexualmente, fisicamente e psicologicamente, mortas diariamente pelos nossos companheiros, nós não vamos nos calar: as nossas vidas importam! [...] Quem acha que isso não merece ser debatido na nossa educação é porque se beneficia das desigualdades. Por isso, quero deixar registrado que, ao retirar os termos “gênero”, “sexualidade” e “geração”, fortalece a continuidade de desigualdades e violências dos mais diversos tipos. [...] Desde quando falar sobre uma opressão, que gera tantas mortes, é falar sobre alguma doutrinação? Se dizem tanto a favor da vida, então deveriam ser a favor da igualdade de gênero. E só se promove igualdade através de uma educação consciente e do debate com nossas crianças, para que se tornem adultos melhores. Por isso, como parlamentares responsáveis pelas cidadãs e cidadãos, devemos defender o debate na educação! Se é da escola que nasce o espaço público que queremos, é indispensável que se fale de igualdade de gênero sim! Que se fale de sexualidade, de respeito, de laicidade, de racismo, de LGBTfobia, de machismo. Pois falar sobre estes temas é se comprometer com a vida, em suas múltiplas manifestações. É se comprometer com o combate à violência e a desigualdade! É mais do que urgente que não se cale sobre as vidas que são interrompidas dia-a-dia [...]. Falar de igualdade de gênero é defender a vida!”

Marielle Franco, 2018 (grifos meu).

COSTA, Flávia Ferreira da. ***Tecendo Identidades de Gênero: contribuições da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil***. 2024. 48 f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

O Produto Educacional que se apresenta está organizado em formato de *e-book*, contendo uma apresentação sobre identidades de gênero, desenvolvidas a partir da leitura de narrativas literárias, durante pesquisa de campo realizada no período de 2022 a 2023, como parte do curso de Mestrado Profissional, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-Cepae-UFG). Trata-se do produto final correlacionado à dissertação intitulada, *A construção de identidades de gênero a partir da leitura de narrativas literárias de recepção infantil e juvenil*. Por meio dele, são compartilhadas experiências e estratégias didáticas empregadas pela pesquisadora, na perspectiva da promoção da leitura literária envolvendo estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental e são analisadas as contribuições da leitura de determinadas narrativas literárias para a desconstrução de concepções sexistas e patriarcais sobre a figura feminina e para a promoção de um processo de formação humana baseado na equidade e na valorização de aspectos e atitudes importantes na constituição de identidades de gênero. As referências teóricas são estudos de Caldim (2021), Candido (1973; 2011), Chauí (1994), Daros (2016), Gonzalez (1980), Louro (2008; 2014), Saffioti (2015), Santos (2009), Scott (1990), entre outros. A coleta de dados para a elaboração do Produto ocorreu em um trimestre, abarcando observação participante, descrições e reflexões em um diário de campo e produções escritas dos/as alunos/as. Para a realização das atividades, foi elaborada uma sequência didática, com as atividades trabalhadas, com ênfase na importância da literatura de recepção infantil e juvenil para o processo de formação humana, especificamente, quanto à construção de identidades de gênero e à ruptura com padrões sociais alicerçados em valores patriarcais.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Identidades de gênero. Literatura de recepção infantil e juvenil. Formação de leitores na Educação Básica.

COSTA, Flávia Ferreira da. **WEAVING GENDER IDENTITIES: Contributions of reading literary narratives for children and young people**. 2024. 45 p. Educational Product related to the Dissertation (Master's in Teaching in Basic Education) - Graduate Program in Teaching in Basic Education, Center for Teaching and Research Applied to Education, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

The Educational Product presented here is organized in the form of an e-book, containing an introduction to gender identities developed from the reading of literary narratives during field research conducted from 2022 to 2023, as part of the Professional Master's program offered by the Graduate Program in Teaching in Basic Education at the Center for Teaching and Research Applied to Education, Federal University of Goiás (PPGEEB-Cepae-UFG). This is the final product correlated with the dissertation entitled "Building gender identities through the reading of literary narratives in children's and young adult literature". Through it, experiences and didactic strategies employed by the researcher are shared, aimed at promoting literary reading involving 6th-grade students in Elementary School, and the contributions of reading certain literary narratives to the deconstruction of sexist and patriarchal conceptions of the female figure and the promotion of a human formation process based on equity and the valorization of aspects and attitudes important in the constitution of gender identities are analyzed. The theoretical references include studies by Caldim (2021), Candido (1973; 2011), Chauí (1994), Daros (2016), Gonzalez (1980), Louro (2008; 2014), Saffioti (2015), Santos (2009), Scott (1990), among others. Data collection for the elaboration of the Product took place over a trimester, involving participant observation, descriptions and reflections in a field diary, and written productions of the students. To carry out the activities, a didactic sequence was elaborated, with the activities emphasized on the importance of children's and young adult literature for the process of human formation, specifically regarding the construction of gender identities and the rupture with social patterns grounded in patriarchal values.

Keywords: Teaching Literature. Gender identities. Literature for children and young people. Training readers in Basic Education.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	19
Capítulo I - DESMISTIFICANDO CONCEITOS	21
1.1 O que é gênero?	21
1.1.1 Você sabia?	22
1.2. Identidade de Gênero. O que é isso?	23
1.3 E esse tal de “Feminismo”, o que é?	24
1.3.1 Você sabia que não precisa ter vergonha de ser feminista?.....	24
1.3.2 Sejamos todas e todos feministas!.....	25
1.3.3 Algumas conquistas do movimento feminista	25
1.4 Patriarcado, machismo e misoginia. O que é isso mesmo?.....	28
1.5 Feminismo e machismo são a mesma coisa?	30
Capítulo II: A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO	31
2.1 Como o método recepcional da leitura de narrativas literárias infantil e juvenil pode contribuir na construção das identidades de gênero na escola.....	32
2.1.1 Análise dos horizontes de expectativas ou receptividade	33
2.1.2 Expectativas existentes ou concretização	33
2.1.3 Ruptura dos limites das expectativas	33
2.1.4 Questionar os limites das expectativas	33
2.1.5 Ampliação dos horizontes de expectativas ou assimilação	34
Capítulo III: NARRATIVAS LITERÁRIAS INFANTIL E JUVENIL: UMA JORNADA NA EXPLORAÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO NA PRÁTICA EDUCACIONAL	35
3.1 Conhecendo algumas narrativas literárias para trabalhar as identidades de gênero	35
3.1.1 O papel histórico da mulher em <i>Bisa Bia, Bisa Bel</i> , de Ana Maria Machado.....	36
3.1.2 “Branca de Neve”: Uma análise comparativa entre a versão dos Irmãos Grimm e a narrativa em <i>Lute como uma Princesa</i> , de Rita Murrow.....	37
3.1.3 Identidades de gênero à luz da narrativa: <i>A Moça Tecelã</i> , de Marina Colasanti	38

Capítulo IV: DESBRAVANDO O CAMINHO PARA ABORDAR QUESTÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA: O PAPEL DAS NARRATIVAS DE RECEPÇÃO INFANTIL E JUVENIL	40
4.1 Caminhos metodológicos das narrativas apresentadas	41
4.2 Práticas cotidianas na escola para promover as igualdades de gênero.....	44
4.3. Reflexão	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

A construção e a compreensão das identidades de gênero na infância e juventude são processos complexos, influenciados por diversos fatores sociais, culturais e individuais. Em um mundo cada vez mais consciente da importância da diversidade e da inclusão, explorar como a leitura literária de recepção infantil e juvenil pode contribuir para a formação dessas identidades torna-se indispensável. A literatura oferece um terreno fértil para a imaginação e a reflexão, permitindo que crianças e jovens se reconheçam e se aceitem melhor. Neste *e-book*, analisamos como histórias, personagens e temas da literatura infantil e juvenil podem ampliar o campo de visão e a percepção da construção de identidades de gênero.

Para compreender o impacto da literatura na construção das identidades de gênero, é essencial juntar teoria e prática. As teorias sobre gênero e desenvolvimento infantil fornecem uma base sólida para entender como as crianças assimilam e interpretam as normas de gênero apresentadas em suas leituras. A prática pedagógica, por sua vez, demonstra como essas teorias podem ser aplicadas efetivamente no ambiente escolar. Histórias e personagens que desafiam estereótipos de gênero desempenham um papel crucial nesse processo. Quando crianças e jovens são expostos a narrativas que apresentam uma diversidade de experiências e vivências relacionadas ao gênero, eles podem desenvolver uma compreensão mais ampla e inclusiva das identidades de gênero. Por exemplo, livros que apresentam personagens não conformistas ou que exploram a fluidez de gênero ajudam a normalizar a diversidade e a promover a aceitação. A seleção cuidadosa de livros é fundamental. Educadores e pais devem escolher obras que reflitam a diversidade de experiências e vivências relacionadas ao gênero, proporcionando aos leitores jovens uma variedade de modelos de identificação. Além disso, é importante que as/os professoras/es promovam discussões reflexivas e inclusivas sobre esses temas, incentivando os/as alunos/as a questionarem normas e expectativas de gênero e a expressarem suas próprias identidades de maneira autêntica.

A literatura infantil e juvenil tem um papel significativo na formação das identidades de gênero de crianças e jovens. Ao proporcionar acesso a histórias que refletem a diversidade de experiências e desafiando estereótipos de gênero, a leitura pode ajudar os/as jovens leitores/as a se reconhecerem e se aceitarem melhor. A seleção cuidadosa de livros e a mediação pedagógica são essenciais para promover uma compreensão inclusiva e abrangente das identidades de gênero. Para garantir que todos os jovens tenham a oportunidade de ver suas experiências e identidades refletidas na literatura, é necessário ampliar e diversificar o repertório literário disponível. Assim, crianças e jovens poderão encontrar espaços seguros para

a expressão autêntica de suas identidades de gênero, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Capítulo I - DESMISTIFICANDO CONCEITOS

Ao desmistificar conceitos relacionados à identidade de gênero, buscamos promover a igualdade entre os indivíduos, independentemente de raça, gênero, classe social, orientação sexual, religião ou qualquer outro aspecto social. Esse esforço é essencial para combater atitudes discriminatórias que propiciam a exclusão de grupos sociais. O nosso objetivo é contribuir para o reconhecimento e celebração da diversidade de culturas, identidades, crenças e perspectivas, reconhecendo a relevância que elas representam para a sociedade. Sendo assim, a desmistificação de conceitos preconceituosos é crucial para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e respeitadas, nas quais todos tenham a oportunidade de se desenvolver com dignidade e igualdade de oportunidades.

Existem diversos/as autores/as de reconhecida relevância que se dedicam à desmistificação de conceitos preconceituosos em diversas áreas. Angela Davis, uma reconhecida professora e ativista pelos direitos civis, produziu diversos textos sobre o tema da raça, classe e gênero, desafiando estereótipos e preconceitos. bell hooks¹, reconhecida pelo seu trabalho no campo do feminismo negro, aborda temas de gênero, raça e classe em suas narrativas, promovendo uma perspectiva mais inclusiva e intersetorial do feminismo. Simone de Beauvoir, feminista francesa, abordou a opressão das mulheres em sua narrativa-prima *O "Segundo Sexo"*, desafiando as concepções preconceituosas sobre o papel da mulher na sociedade. Estas são apenas alguns exemplos de autoras que se dedicam à superação das barreiras do preconceito e à desmistificação de conceitos que, ao longo do tempo, foram reproduzidos por indivíduos que insistem em propagar desconhecimento.

1.1 O que é gênero?

Louro, Neckel e Goellner (2013) oferecem uma análise detalhada sobre a ideia de gênero e suas implicações, tanto teóricas quanto práticas. Em primeiro lugar, destacam que o conceito de gênero sugere que nossa identidade como homens e mulheres é moldada ao longo da vida por meio de várias interações sociais, em um sistema que não é estático, mas sim dinâmico e em constante mudança. Elas também ressaltam que os processos educacionais desempenham um papel crucial na promoção do reconhecimento e na problematização dessa

¹ O nome "bell hooks" é uma reivindicação do legado de sua bisavó, Bell Blair Hooks. A letra minúscula foi escolhida para dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa. O seu objetivo, porém, não é ficar presa a uma identidade em particular, mas estar em permanente movimento. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks)

dinâmica em constante evolução. Uma segunda implicação, abordada pelas autoras, é que desde o nascimento somos inseridos em padrões específicos que delineiam como devemos expressar a feminilidade e a masculinidade.

Essa perspectiva implica a noção das relações de poder entre homens e mulheres e como as estruturas sociais e culturais os moldam como "sujeitos de gênero". As autoras, em referência a Simone de Beauvoir (1967), argumentam que "não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres", sugerindo que o mesmo se aplica aos sujeitos masculinos. Por fim, as autoras destacam as implicações de compreender os papéis culturalmente construídos para homens e mulheres, enfatizando o gênero como uma construção histórica, social, cultural e linguística (Louro, Neckel e Goellner, 2013, p. 18-21).

O termo "gênero" refere-se às características socialmente construídas, papéis, comportamentos e expectativas associadas a ser masculino ou feminino em uma determinada cultura ou sociedade. Diferente do sexo biológico, que é atribuído no nascimento com base em características físicas, o gênero é uma construção social e pode variar de acordo com diferentes culturas e contextos.

1.1.1 Você sabia?

Em diversos países, como a Escócia, a Birmânia e o sul da Índia, os homens usam saias sem que isso os identifique como mulheres. Na Escócia, por exemplo, os guerreiros das Terras Altas utilizam os *kilts*, feitos de um tecido xadrez chamado tartã, que revela sua afiliação ao clã. Nas regiões mencionadas da Birmânia e da Índia, tanto homens quanto mulheres usam saias, o que pode indicar a origem étnica, mas não o gênero. É crucial ter em mente que as vestimentas variam de acordo com as culturas, e conclusões precipitadas não devem ser tiradas com base nisso.



Fonte: <<https://super.abril.com.br/historia/moda-celta-virou-simbolo-da-escocia>> Acesso: 25 de abril de 2024

1.2. Identidade de Gênero. O que é isso?

Stuart Hall, em sua narrativa “Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais” (2014), destaca que a identidade não é uma característica fixa ou essencial, mas sim uma construção social e cultural influenciada por diversos elementos, como cultura, história, poder e experiências individuais. Ele rejeita a concepção de identidades como estáticas, argumentando que estas são constantemente moldadas por fatores sociais, históricos e políticos, sendo centrais na experiência humana na sociedade. Hall enfatiza que a identidade não se limita à percepção interna de um indivíduo, mas também à forma como ele é percebido e representado por si mesmo e pelos outros, dentro de contextos culturais específicos.

O processo de construção da identidade é complexo e contínuo, sendo influenciado por relacionamentos sociais, experiências pessoais e contextos culturais. Ao longo dos diferentes estágios da vida, como infância, adolescência, vida adulta e envelhecimento, os indivíduos enfrentam desafios, adquirem novas habilidades e passam por mudanças que contribuem para a construção contínua de suas identidades.

A discussão sobre identidades de gênero desempenha um papel crucial na promoção da compreensão, respeito e inclusão de todas as pessoas, independentemente de suas identidades de gênero. Reconhecer e respeitar as diversas identidades de gênero é fundamental para garantir a igualdade de direitos e combater a discriminação e o preconceito.

Para construir uma sociedade mais igualitária, é essencial promover a compreensão da diversidade de identidades de gênero, desafiando estereótipos e questionando as normas sociais

que impõem expectativas rígidas e limitadoras sobre como homens e mulheres devem se comportar.

1.3 E esse tal de “Feminismo”, o que é?

Beauvoir (1967) analisa a posição das mulheres na sociedade, argumentando que elas têm sido historicamente subjugadas pelo patriarcado e pelos homens. Ela destaca a importância da autonomia feminina e da luta por direitos iguais.

O feminismo é um movimento que busca garantir que meninas e meninos tenham os mesmos direitos e oportunidades. Ele visa assegurar que as meninas sejam tratadas com respeito e tenham igualdade de chances para perseguir seus objetivos na vida, assim como os meninos. Graças à luta feminista, as meninas hoje podem brincar com qualquer tipo de brinquedo, receber a mesma educação e ter acesso às mesmas oportunidades de trabalho que os meninos. Além disso, o feminismo visa garantir que as mulheres sejam tratadas com igualdade e justiça em todas as esferas da vida. Desta forma, o feminismo busca tornar o mundo um lugar mais justo e igualitário para todos, independentemente do gênero. Todos nós podemos contribuir para esse objetivo, ao respeitar e apoiar uns aos outros e ao lutar por justiça e igualdade para todas as pessoas, independentemente de serem meninos ou meninas.

1.3.1 Você sabia que não precisa ter vergonha de ser feminista?

Atualmente, é frequente ouvir meninas declararem que não se identificam como feministas, fenômeno que pode ser atribuído a uma variedade de origens ligadas à percepção negativa do feminismo. Em certas culturas e comunidades, o feminismo ainda é estigmatizado como uma ideologia radical ou antagônica aos interesses masculinos, levando as meninas a temerem ser rotuladas como "feministas" devido aos estereótipos negativos associados ao termo. Em muitas ocasiões, indivíduos possuem uma compreensão limitada do feminismo, equivocadamente associando-o a manifestações extremistas ou à oposição aos homens, ao invés de reconhecê-lo como um movimento voltado para a promoção da igualdade de gênero. Representações distorcidas do feminismo na mídia ou em diálogos cotidianos também podem contribuir para essa visão depreciativa, resultando na internalização de tais concepções pelas meninas.

Ainda é possível observar que a palavra "feminista" frequentemente é vinculada a estereótipos, como mulheres que nutrem desdém pelos homens, que rejeitam práticas de beleza

convencionais, que resistem ao casamento, entre outros rótulos que têm sido historicamente difundidos com o intuito de desacreditar a relevância do movimento feminista.

Assim, torna-se importante educar e informar tanto meninas quanto meninos sobre o real significado e propósitos do feminismo.

1.3.2 Sejam todas e todos feministas!

Ser feminista significa apoiar e advogar pela equidade de gênero, visando eliminar as disparidades e injustiças sociais fundamentadas no gênero. Um indivíduo feminista reconhece e se opõe às formas de discriminação, opressão e desigualdade que impactam as mulheres e pessoas de outros gêneros marginalizados. Isso abrange a defesa pela igualdade salarial, o direito ao controle sobre o próprio corpo, o combate à violência de gênero, a promoção do acesso equitativo à educação e oportunidades de emprego, além da desconstrução de normas de gênero prejudiciais.

Ser feminista não implica em odiar homens ou promover a supremacia feminina, como alguns estereótipos sugerem. Em vez disso, ser feminista envolve o reconhecimento de que as desigualdades de gênero são sistêmicas e a busca ativa por mudanças para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, independentemente do gênero. O feminismo também pode abarcar a análise crítica das estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero e o apoio à diversidade de experiências e perspectivas das mulheres.

As meninas não precisam sentir vergonha por desejarem justiça e equidade. O feminismo é baseado em empatia e respeito pelos outros. É crucial respeitar as diferenças e lutar contra a discriminação e a desigualdade, e isso é algo pelo qual não devem se envergonhar. Além disso, é fundamental promover uma compreensão mais ampla e inclusiva do feminismo, reconhecendo e abordando suas interseccionalidades e diversidades.

1.3.3 Algumas conquistas do movimento feminista

As reivindicações promovidas pelo movimento feminista têm contribuído significativamente para a ampliação dos direitos das mulheres, tornando-se relevante destacar as conquistas históricas alcançadas através de suas lutas. No site, <https://nossacausa.com/>, é possível encontrar o texto “Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo”, em que estas conquistas estão elencadas, e as quais serão apresentadas abaixo.

Destacamos que, apesar de o movimento feminista ter conseguido contribuir com a ampliação dos direitos femininos, ainda há um longo caminho a ser percorrido para atingirmos a equidade de gênero.

1827 – Meninas são liberadas para frequentarem a escola.

Em 1827, importante data que marcou a promulgação da Lei Geral, permitindo que meninas frequentassem a escola, além do ensino primário. Antes disso, as mulheres não tinham acesso à educação básica para estudar.

1879 – Mulheres conquistam o direito ao acesso às faculdades.

A conquista do direito de acesso às universidades ocorreu em 1879, pouco tempo depois da permissão para frequentar escolas primárias. No entanto, o machismo que sempre esteve profundamente arraigado na sociedade ainda oprimia as mulheres que desejavam estudar, enfrentando preconceitos e obstáculos para alcançarem seus objetivos.

1932 – Mulheres conquistam o direito ao voto.

A conquista do direito ao voto pelas mulheres brasileiras ocorreu somente em 1932, direito estabelecido pelo primeiro Código Eleitoral do país. A vitória foi consequência da persistente luta das mulheres, que reivindicavam esse direito há décadas desde a Constituição de 1891. Movimentos feministas surgidos no início do século XX, inspirados nas lutas das mulheres nos Estados Unidos e na Europa, desempenharam um papel crucial no movimento sufragista brasileiro.

1962 – É criado o Estatuto da Mulher Casada.

Em 1962, a Lei no 4.212/1962 regulamentou a autonomia das mulheres casadas, permitindo que elas pudessem trabalhar sem a necessidade de autorização do marido. Além disso, elas passaram a ter o direito à herança e à possibilidade de pedir a guarda dos filhos em caso de separação.

1974 – Mulheres conquistam o direito de portarem um cartão de crédito.

Em 1974, um direito considerado de natureza banal, como a posse de um cartão de crédito, foi conquistado pelas mulheres. Os bancos, anteriormente, impuseram restrições, exigindo que mulheres solteiras ou divorciadas fossem acompanhadas por um homem para solicitar um cartão de crédito ou empréstimo. Essa prática discriminava as mulheres, considerando-as como propriedade do pai ou do marido, privando-as de voz e escolha. A aprovação da “Lei de Igualdade de Oportunidade de Crédito”, permitiu que os clientes deixassem de ser discriminados conforme o gênero ou estado civil.

1977 – A Lei do Divórcio é aprovada.

Em 26 de dezembro de 1977, a Lei do Divórcio foi aprovada, liberando as mulheres que, até então, estavam legalmente presas por terem um casamento infeliz. A partir da Lei no 6.515/77, a opção do divórcio tornou-se uma possibilidade legal no Brasil. No entanto, apesar da legalização, as mulheres divorciadas enfrentaram o estigma social, o que as levava a permanecerem em casamentos infelizes e abusivos em vez de procurarem o divórcio.

1979 – Mulheres garantem o direito à prática do futebol.

Em 1979, as mulheres garantiram o direito de praticar futebol, apesar das restrições impostas anteriormente. Durante vários anos, o Decreto da Era Vargas vedou as mulheres de praticarem esportes que “não se adequavam às suas condições naturais”, como o futebol. No entanto, as mulheres desafiaram essa proibição e continuaram a jogar futebol em campos informais, desafiando as noções de “natureza feminina”. Depois de quatro décadas, em 1983, o futebol feminino foi regulamentado, porém, os efeitos prejudiciais da proibição ainda são notados, com a falta de visibilidade e incentivo ao esporte feminino e a escassez de patrocínios.

1985 – É criada a primeira Delegacia da Mulher.

Em 1985, surge a primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM) em São Paulo, seguida pela implantação de outras unidades em diferentes estados. As delegacias especializadas da Polícia Civil visam, principalmente, proteger e investigar os crimes de violência doméstica e sexual contra as mulheres.

1988 – A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens.

Em 1988, a Constituição brasileira reconheceu as mulheres como iguais aos homens, uma conquista motivada pelas pressões do movimento feminista e outros movimentos populares que lutavam pela democracia. Finalmente, as mulheres foram reconhecidas como cidadãs, com os mesmos direitos e deveres dos homens, conforme a Constituição.

2002 – “Falta da virgindade” deixa de ser motivo para anular o casamento.

Em 2002, o Código de Processo Civil brasileiro alterou a redação do artigo que permitia a anulação do casamento, caso o marido descobrisse que a esposa não era virgem antes da união. A ausência de virgindade feminina era, até então, considerada um impedimento aceitável para o divórcio.

2006 – É sancionada a Lei Maria da Penha.

Em 2006, a Lei Maria da Penha foi sancionada para combater a violência contra a mulher, em homenagem à mulher Maria da Penha que lutou por quase duas décadas para ver o ex-marido preso após duas tentativas de homicídio contra ela.

2015 – É aprovada a Lei do Femicídio.

O feminicídio foi reconhecido como um tipo de homicídio qualificado, segundo a Lei do Femicídio, que foi aprovada em 09 de março de 2015.

2018 – A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime.

Em 2018, a importunação sexual contra mulheres passou a ser considerada crime pela Lei n.º 13.718/2018. Apesar de as mulheres ainda enfrentarem assédio e violência no dia a dia, a legislação assegura um mecanismo legal para proteger seus direitos.

2021 – É criada lei para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher.

Em 2021, a Lei 14.192/21 foi criada para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher, estabelecendo normas para proteger os direitos das mulheres nas eleições e no exercício de funções públicas.

Fonte: <[Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo](#)> Acesso: 25 de abril de 2024.

1.4 Patriarcado, machismo e misoginia. O que é isso mesmo?

Patriarcado, machismo e misoginia são termos que se relacionam para descrever diferentes aspectos das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade de gênero e a opressão das mulheres. Apesar de os modelos de patriarcado e machismo estarem frequentemente relacionados e se sobressaírem em diversos aspectos, os dois modelos não são necessariamente idênticos.

O **patriarcado** é uma estrutura social, política e econômica no qual os homens têm a maioria do poder e da autoridade, enquanto as mulheres e outras identidades de gênero são subordinadas de forma sistemática e estrutural. O patriarcado é caracterizado pela hierarquia de gênero, na qual os homens ocupam posições de poder, privilégio e domínio, enquanto as mulheres ocupam papéis sociais de subalternidade. Este sistema pode ser notado em diversas instituições e práticas culturais que perpetuam a desigualdade de gênero, como as leis discriminatórias, as normas de igualdade de gênero, a divisão de trabalho desigual, dentre outras.

Gerda Lerner (2019), historiadora e feminista, é reconhecida pelo seu trabalho sobre a história das mulheres, tendo como foco principal o tema do patriarcado em diversas de suas

narrativas. A principal ideia que ela apresenta é que o patriarcado não é apenas uma estrutura de dominação masculina sobre as mulheres, mas um sistema social mais complexo que não se limita às relações de gênero, mas também às estruturas sociais, políticas e econômicas. A autora sustenta que o patriarcado é um sistema histórico que se desenvolveu ao longo do tempo e está arraigado em instituições sociais, culturais e religiosas. Ela analisa como o patriarcado se perpetuou ao longo da história e como as mulheres são subjugadas e marginalizadas dentro desse sistema. Ao mesmo tempo em que destaca que o sistema patriarcal envolve a cooperação das mulheres, e que esta cooperação acontece por intermédio da doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégio de classe dada as mulheres que se conformam. Elas participando, portanto, do processo de sua subordinação ao internalizarem sua inferioridade.

O **machismo**, por sua vez, é uma ideologia ou um conjunto de crenças que sustentam e justificam o patriarcado. O machismo é a perspectiva de superioridade masculina sobre as mulheres, que se manifesta em atitudes, falas e ações que desvalorizam, oprimem e discriminam as mulheres. Essas ações podem incluir a objetificação das mulheres, a negação dos seus direitos, a normalização da violência de gênero e a perpetuação de estereótipos de gênero.

bell hooks, uma escritora e intelectual feminista negra, aborda o machismo em diversas narrativas, enfatizando sua natureza opressiva e seus efeitos prejudiciais para mulheres, homens e relações sociais em geral. hooks explora como o machismo é internalizado desde a infância, através da socialização de gênero. A autora avalia como as normas de gênero são transmitidas e reforçadas através da família, da educação, dos meios de comunicação e de outras instituições sociais.

A **misoginia** é caracterizada pelo ódio, aversão ou desprezo pelas mulheres, manifestado em atitudes e comportamentos que desvalorizam, humilham ou discriminam as mulheres em função do sexo. Ela pode ser expressa de diversas formas, desde comentários ofensivos e piadas sexistas até formas mais extremas de violência contra as mulheres, como o assédio sexual, estupro e feminicídio. Assim, é possível perceber que a misoginia está atrelada às estruturas patriarcais e ao machismo, uma vez que se fundamenta na crença de que as mulheres são inferiores e justificam a subordinação delas.

Em suma, o patriarcado é a estrutura social que sustenta a dominação masculina, o machismo é a ideologia que legitima essa dominação e a misoginia é o ódio e o desprezo pelas mulheres que resulta desse sistema e dessa ideologia. Juntando-se esses elementos forma-se um

ciclo de opressão que ainda tem impactos significativos na vida das mulheres, em diversos lugares do mundo. A luta contra o patriarcado, o machismo e a misoginia são indispensáveis para alcançar a equidade de gênero e promover o respeito pelos direitos e dignidade das mulheres.

1.5 Feminismo e machismo são a mesma coisa?

Feminismo e machismo são ideologias antagônicas que refletem perspectivas opostas sobre as relações de poder e os direitos das mulheres na sociedade.

O **feminismo** é um movimento social, político e cultural que visa à promoção da igualdade de direitos, de oportunidades e de tratamentos entre os gêneros com ênfase na valorização e o respeito às mulheres. Ele reconhece as disparidades históricas, estruturais e culturais que afetam as mulheres em diversas dimensões da vida, incluindo o mercado de trabalho, a esfera política, a educação e a esfera familiar. Esse movimento objetiva desafiar e transformar as estruturas de poder, empenhando-se em implementar modificações que promovam a equidade de gênero e a valorização dos direitos das mulheres.

O **machismo** é uma ideologia que sustenta a superioridade masculina e a dominação dos homens sobre as mulheres, perpetuando a dominação masculina. O preconceito de gênero conserva estereótipos prejudiciais, fomenta a disparidade e a discrepância de gênero e reforça padrões de comportamento que restringem o potencial e a liberdade das mulheres. Assim, o machismo pode se manifestar de diversas maneiras, desde atitudes de desvalorização e objetificação das mulheres, até formas mais rebuscadas e profundas de violência e controle.

Enquanto o feminismo procura a equidade de gênero e a emancipação das mulheres, o machismo persiste, mantendo a dominação e a opressão masculina sobre as mulheres.

Capítulo II: A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

A literatura tem sido um fator relevante na construção e representação de identidades de gênero ao longo da história. A leitura literária apresenta uma grande variedade de experiências de gênero, inclusive aquelas que desafiam as regras de gênero tradicionais. Os personagens, compostos por diferentes personalidades, oferecem visibilidade e validação para indivíduos de diferentes origens. A literatura explora as complexidades das identidades de gênero, incluindo as suas relações com outras formas de identidade, como a raça, a classe social e a orientação sexual. A literatura pode fornecer elementos multifacetados que desafiam estereótipos e ampliam as noções de gênero.

Dessa forma, os/as escritores/as podem desvendar estereótipos de gênero prejudiciais ao apresentar personagens que desafiam as noções tradicionais de masculinidade e feminilidade. A literatura pode ser uma aliada poderosa para representar e valorizar indivíduos que, em geral, são negligenciados ou sub-representados na sociedade. Ao lerem histórias sobre personagens com identidades de gênero semelhantes, os/as leitores/as podem encontrar apoio, conexão e inspiração. A literatura, por meio dos textos literários, pode contribuir para a empatia e compreensão, permitindo que os/as leitores/as se sintam no lugar de personagens com experiências distintas de gênero. Isso pode contribuir para a superação de preconceitos e estereótipos, favorecendo uma maior aceitação e respeito à diversidade de identidades de gênero.

O escritor, Hans Robert Jauss (1994), reconhecido por seus estudos acerca da estética da recepção de narrativas literárias, destaca a relação dinâmica entre o texto literário e o/a leitor/a. Esse autor dinamizou uma discussão sobre a estética da recepção como uma abordagem que enfatiza o papel ativo do leitor na construção do significado. Sua argumentação rejeita a ideia de que o significado de uma narrativa literária é estático, defendendo, ao contrário, que é um resultado fluido da interação contínua entre o texto e o/a leitor/a. Destacando, assim, que a leitura de uma narrativa literária pode ter um efeito transformador no/a leitor/a. O encontro com textos desafiadores pode levar a uma mudança nos horizontes de expectativas do/a leitor/a, contribuindo para sua evolução intelectual e emocional.

2.1 Como o método recepcional da leitura de narrativas literárias infantil e juvenil pode contribuir na construção das identidades de gênero na escola

O método recepcional da leitura de narrativas literárias destinadas ao público infantil e juvenil desempenha um papel de destaque na formação das identidades de gênero na escola. Ao proporcionar uma ampla gama de narrativas que apresentam personagens com diversas identidades de gênero, este método oferece uma possibilidade para explorar e compreender a complexidade e diversidade dessas experiências. Mediante uma análise crítica das narrativas literárias, os/as alunos/as são motivados a identificar e questionar os estereótipos de gênero enraizados nas narrativas, estimulando discussões reflexivas sobre a construção e perpetuação dos papéis de gênero na sociedade e os efeitos prejudiciais destes estereótipos.

Ao engajarem-se com narrativas que abordam uma variedade de identidades de gênero, os/as alunos/as desenvolvem empatia e compreensão em relação às experiências alheias. Isso promove um ambiente escolar inclusivo e tolerante, onde todos/as os/as alunos/as são valorizados/as e respeitados/as, independentemente de sua identidade de gênero. Além disso, o método recepcional encoraja os/as educandos/as a participarem ativamente de discussões críticas sobre questões de gênero, incentivando a expressão de suas próprias experiências, opiniões e perspectivas. Este ambiente facilita a criação de um espaço seguro e aberto, onde todos/as podem compartilhar dúvidas, preocupações e ideias sobre identidade de gênero, promovendo um maior entendimento e conscientização sobre essas questões.

Através do trabalho em sala de aula utilizando o método recepcional, cujo principal objetivo é ampliar as expectativas dos leitores, organizado em cinco etapas, é possível adaptar o conteúdo programático e os procedimentos metodológicos ao contexto de aplicação. Reconhecido como um método que valoriza a participação dos/as estudantes na leitura de diferentes tipos de textos, esta abordagem coloca o/a estudante como o agente principal da prática literária, de forma sequencial e organizada.

Para implementar a literatura por meio do método recepcional, Vera Teixeira Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993) destacam o papel crucial do/a professor/a na formação do leitor/a literário/a, oferecendo estratégias que ampliem o horizonte de expectativas dos/as alunos/as por meio da leitura de textos diversos. Estes textos devem visar apresentar novos conhecimentos, desafiar preconceitos existentes e fomentar o desenvolvimento de leitores/as críticos/as e reflexivos/as.

Nesse contexto, apresentamos a sequência proposta pelo método, fundamentada em cinco passos que direcionam a visão de mundo do/a leitor/a e contribuem para uma prática

literária ativa, emancipatória e significativa para os/as estudantes. Em suma, o método recepcional da leitura de narrativas literárias para crianças e jovens pode desempenhar um papel crucial na construção das identidades de gênero na escola, proporcionando oportunidades para explorar a diversidade, desconstruir estereótipos, promover a equidade e a representação, cultivar empatia e tolerância, e estimular o diálogo e a reflexão crítica sobre questões de gênero.

2.1.1 Análise dos horizontes de expectativas ou receptividade

O primeiro passo é uma análise dos horizontes de expectativas, na qual o/a professor/a faz uma análise preliminar dos conhecimentos que os/as alunos/as já acumularam ao longo da experiência de leitura, explorando-os por meio de questionamentos, conversas e debates sobre leituras, permitindo que compartilhem suas impressões de leituras anteriores.

2.1.2 Expectativas existentes ou concretização

Em seguida, temos o segundo passo, cujo objetivo é atender às expectativas existentes. O/a professor/a já tem uma ideia do nível de expectativas dos/as estudantes e procura estratégias de ensino-aprendizagem que estejam conforme o contexto e o domínio dos/as educandos/as, selecionando narrativas literárias que estejam seguindo o perfil social e cultural de sua turma, proporcionando experiências de leitura significativas e prazerosas.

2.1.3 Ruptura dos limites das expectativas

O terceiro passo é romper com as expectativas, mantendo as táticas anteriores, disponibilizando textos ou narrativas que tratem de temas, estruturas e linguagens já utilizados. Esta etapa requer um maior cuidado por parte do/a professor/a em relação ao rompimento de expectativas e ao distanciamento das expectativas existentes em detrimento de novas expectativas, por meio da inserção de narrativas literárias de grande circulação, a fim de que sejam apresentadas sequências e ideias sobre o tema central do enredo representado.

2.1.4 Questionar os limites das expectativas

O quarto passo é questionar os limites das expectativas, sendo este o momento da interação entre os/as educandos/as, ou seja, o desenvolvimento de atividades em grupo, em que o/a professor/a será o/a mediador/a das discussões, comparando as impressões adquiridas e os

novos significados dados à narrativa. Conforme Bordini e Aguiar (1993), as práticas descritas acima e a busca por resultados satisfatórios somente serão alcançadas com o entendimento dos objetivos listados a seguir.

1. Efetuar leituras compreensíveis e críticas; 2. Ser receptivo com novos textos e as leituras de outrem; 3. Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural; 4. Transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do(a) professor(a), da escola, da comunidade familiar e social (Aguiar; Bordini, 1993, p. 36).

Estes objetivos mostram que a proposta de trabalho é dialógica, com debates, discussões dirigidas, leituras compartilhadas e criticidade em relação às suas expectativas em relação à narrativa lida, podendo ser desenvolvida através da escrita e da oralidade, permitindo um novo olhar sobre o texto.

2.1.5 Ampliação dos horizontes de expectativas ou assimilação

A última etapa desta sequência organizada é a ampliação dos horizontes de expectativas, através da exploração de outras formas de representação que dialoguem com as narrativas literárias propostas, explorando, nessa etapa, a relação intertextualidade existente entre narrativas que interagem entre si.

Com foco na formação de cidadãos e cidadãs no âmbito escolar e no estímulo à prática de leitura, buscando conferir autonomia ao leitor/a, tais pesquisas trazem o objetivo de promover uma compreensão do progresso realizado à medida que expectativas sejam redefinidas e ampliadas. As autoras defendem que cada nova incursão na narrativa abre um leque de perspectivas para descobertas únicas, moldadas pelas transformações contínuas que ocorrem em suas vivências. Esta abordagem considera a diversidade de interpretações que os/as leitores/as podem ter a partir de suas experiências pessoais, contextos culturais e sociais. É possível observar como diferentes leitores/as, em diferentes épocas e contextos, podem interpretar diferentes significados de uma mesma narrativa literária.

Capítulo III: NARRATIVAS LITERÁRIAS INFANTIL E JUVENIL: UMA JORNADA NA EXPLORAÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO NA PRÁTICA EDUCACIONAL

Explorar identidades de gênero na prática educacional, especialmente por meio de narrativas literárias destinadas ao público infantil e juvenil, desempenha um papel importante no desenvolvimento das crianças e jovens. Diversas narrativas literárias desafiam os estereótipos de gênero estabelecidos, apresentando personagens que fogem das normas de masculinidade e feminilidade. Isso ajuda a desconstruir as ideias preconcebidas sobre o que é ser homem ou mulher, permitindo uma compreensão mais aprofundada e flexível de identidade de gênero. Ao apresentarem aos estudantes histórias que desafiam o machismo e a misoginia, as narrativas literárias auxiliam na prevenção da discriminação e da violência de gênero, podendo contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de igualdade e respeito mútuo, em que todos tenham a oportunidade de serem livres da discriminação e de violências decorrentes da intolerância relacionada à identidade de gênero. Em suma, explorar as identidades de gênero nas práticas educacionais por meio de narrativas literárias para crianças e jovens é importante para promover a diversidade, desconstruir estereótipos de gênero, demonstrar a relevância da equidade entre homens e mulheres, cultivar a empatia e o respeito, prevenindo a discriminação e a violência de gênero.

3.1 Conhecendo algumas narrativas literárias para trabalhar as identidades de gênero

Ressaltamos a importância da literatura para que crianças e jovens aumentem a consciência crítica, por meio de diálogos capazes de despertar reflexões relevantes sobre diversos temas da realidade. Em relação às narrativas em questão, essa capacidade pode ser percebida nas relações de gênero apresentadas no enredo ficcional, destacando e questionando os papéis sociais concedidos historicamente aos homens e às mulheres.

Compreendemos, desta forma, que a introdução de uma literatura que aborde as relações desiguais de gênero configura-se como um papel político a ser desempenhado pela escola. Isso se fundamenta no reconhecimento da necessidade de proporcionar aos estudantes a oportunidade de explorar outros universos, conhecer diversas perspectivas e, desde a infância, ampliar uma visão de mundo humanizado.

O trabalho com a literatura na escola desempenha um papel significativo como meio de diálogo na formação de crianças e jovens. Apesar das transformações sociais já ocorridas,

observa-se, nas dinâmicas familiares, resquícios de uma visão, em diferentes graus, marcada por aspectos machistas em relação às interações humanas. A escola, embora ainda reflita, em muitos aspectos, padrões presentes nas estruturas familiares, assume uma função social crucial: a apresentação de uma perspectiva alternativa, pautada na igualdade de gêneros, em contraste com a tradicional visão patriarcal.

Nossa intenção é evidenciar para meninos e meninas que é possível cultivar relações pautadas no respeito mútuo. Conforme destacado por Daniela Auad (2022), a escola deve desempenhar o papel de gerenciar as relações de gênero, questionando e reconstruindo as concepções em torno do feminino e masculino.

Dito isto, sugerimos o trabalho pedagógico com três narrativas literárias, sendo: 1. *Bisa Bia, Bisa Bel*, cuja autoria é de Ana Maria Machado; 2. *Lute como uma princesa*, autoria de Rita Murrow; 3. *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti. Apresentaremos as referidas narrativas de forma detalhada nos próximos subtópicos, objetivando indicar, de forma breve, o conteúdo presente nas mesmas, bem como, a forma em que os conceitos relacionados a identidades de gênero se fazem presentes nestas narrativas.

3.1.1 O papel histórico da mulher em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado.

A narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, publicada inicialmente em 1982, traz para o nicho literário um protagonismo feminino que se atrela, mesmo de forma ficcional e dentro do universo infantil, às mudanças pelas quais a figura feminina passou na sociedade; podendo, com isso, propor representações sociais para esse gênero. Nesse livro, o tema da liberdade volta com outra nuance: trata-se da liberdade de ser e agir, que as mulheres vêm conquistando ao longo dos anos, e que abre espaço para o tempo histórico que possibilita a reflexão de nossas crianças. A narrativa apresenta a história envolvente da relação de uma menina chamada Isabel com sua bisavó Bia e, mais tarde, com sua bisneta Beta. É um encontro entre passado, presente e futuro, marcado por ternura e sensibilidade, repleto de representações sociais e históricas sob o universo feminino. Assim se constitui Isabel, menina/mulher emancipada, ativa e sem medo de estereótipos impostos por uma sociedade machista. Isabel busca sua identidade com base na equidade de gênero.

É possível perceber, que as narrativas literárias têm a capacidade de refletir e acompanhar as mudanças que ocorrem em contextos sociais específicos. Ao longo do tempo, a literatura passa a apresentar personagens que espelham as lutas e conquistas de emancipação alcançadas pelas mulheres nos processos históricos. Em narrativas como *Bisa Bia, Bisa Bel*, é

possível observar personagens femininas que ainda carregam características de uma sociedade patriarcal, contudo, buscam romper com essas tradições, procurando ser ativas, questionadoras e críticas. Essas representações oferecem aos leitores uma oportunidade valiosa de reflexão.

3.1.2 “Branca de Neve”: Uma análise comparativa entre a versão dos Irmãos Grimm e a narrativa em *Lute como uma Princesa*, de Rita Murrow

O objetivo é enfatizar os padrões de comportamento para mulheres em períodos históricos distintos, demarcando as diferenças entre as narrativas, verificando as mudanças nos ideais de feminilidade ao longo do tempo, situando a mulher em narrativas dirigidas ao público infantil e juvenil.

Em “Contos dos Irmãos Grimm”, de Dra. Clarissa Pinkola Estès (2005), a história de Branca de Neve tem início com a rainha expressando seu desejo de ter uma filha que possua características idealizadas: “Quem me dera ter uma filha tão alva como a neve, carminada como o sangue e cujo rosto fosse emoldurado de preto como o ébano!” (2005, p.23). Este trecho inicial evidencia a busca pela perfeição, por parte da rainha. Essa concepção de beleza permeia toda a narrativa. No decorrer da história, Branca de Neve perde a mãe, o pai dela casa novamente com uma bela mulher. A madrasta passa toda a narrativa preocupada em ser a mulher mais bela do reino. Por meio de um espelho mágico descobre que Branca de Neve é mais bela que ela. Consumida pela inveja, a rainha ordena a execução de Branca de Neve, mas o caçador designado para a tarefa poupa a vida da jovem. No decorrer da história a rainha tenta, de todas as maneiras, eliminar a princesa de seu caminho, mas nada dá certo. Ao final da história, a princesa se casa com o príncipe, dá um baile e convida a rainha, que é obrigada a dançar até a sua morte.

No livro *Lute como uma Princesa*, da autora Vita Murrow (2019), a versão de “Branca de Neve” apresenta uma abordagem contemporânea da clássica história. Por conta da ausência do rei, a rainha passou a executar os deveres reais. No entanto, a rainha logo percebe que as pessoas do reino estavam mais interessadas em sua aparência e nas roupas que vestia do que naquilo que fazia pelo reino. Assim, a rainha passa a buscar padrões de beleza impostos pela sociedade para estar sempre em evidência. A voz do espelho mágico também influencia os comportamentos e as ações da madrasta. Essa voz representa a sociedade, como que refletindo as normas de gênero do patriarcado. Nessa narrativa, a madrasta deseja impor, tal como sua sociedade lhe impôs, padrões de beleza a sua enteada Branca de Neve, que reluta em aceitar esses padrões, criando assim um atrito entre elas.

É possível perceber que a princesa é corajosa, que desafia as expectativas tradicionais da figura feminina. A narrativa destaca valores de autoconfiança e autodeterminação, oferecendo uma perspectiva moderna para as crianças, desafiando estereótipos de gênero e promovendo a ideia de que as meninas podem ser protagonistas ativas de suas próprias histórias.

É importante observar que nesta versão em nenhum momento a madrasta tenta matar a enteada, ela usa da magia para que a enteada fique feia e não seja vencedora do concurso de beleza. Apesar das atualizações para refletir valores contemporâneos, o reconto mantém elementos do conto original, incluindo a dinâmica da princesa, da madrasta, o espelho mágico e a ênfase na busca pela beleza. Nesta versão específica, Branca de Neve entra em um sono profundo, mas é resgatada pela própria rainha, que demonstra arrependimento e parte em sua busca. Convencida da inexistência da perfeição humana, a madrasta rejeita o idealismo associado ao corpo feminino, contradizendo a noção de um modelo perfeito e inatingível. Assim, tanto a princesa quanto a madrasta advogam pela valorização da beleza interior.

Ao apresentar as duas versões da história de Branca de Neve para crianças, esperamos despertar inquietações e questionamentos em relação à aceitação dos padrões de beleza estabelecidos. Apresentar histórias que apoiem a igualdade de gênero, demonstrando a relevância de trazer referências de mulheres bem-sucedidas e independentes desde cedo, estabelecendo um diálogo com a versão dos Irmãos Grimm. O objetivo é que as crianças não apenas se familiarizem com as histórias tradicionais, mas também sejam incentivadas a reconhecer e combater as persistentes desigualdades de gênero, contribuindo efetivamente para a igualdade entre homens e mulheres na sociedade.

3.1.3 Identidades de gênero à luz da narrativa: *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti

O propósito de apresentar o conto *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti (2004), é reforçar a relevância da literatura na formação dos indivíduos, enfatizando a capacidade universal de se identificar com narrativas e buscar transformações em suas realidades. O conto narra a história de uma jovem habilidosa na arte de tecer, cujo tear mágico confere à narrativa uma atmosfera de conto de fadas, onde tudo que ela tece ganha vida.

A protagonista do conto detém o controle sobre as transformações ao seu redor, entrelaçando dois elementos simbólicos fundamentais: o desejo e a liberdade. Ela é capaz de influenciar o curso dos acontecimentos e iniciar e concluir ciclos, tanto universais quanto pessoais. É relevante destacar que a moça tecelã não apenas influencia nascimentos, mas também dita o curso dos dias e a sequência dos acontecimentos. Diante de seu poder e

necessidades, decide criar uma companhia para si. A moça busca na sua imaginação as cores e as formas para tecer o seu amado. No início, tudo permanece em completa harmonia. Tanto que ela pensa, deitada no ombro dele, em como seria sua vida se ela aumentasse a família tecendo lindos filhos. Não demorou muito, até que o homem percebeu o poder que a mulher tinha e decidiu controlá-la. Dada à opressão do marido, a protagonista se vê obrigada a tecer incessantemente os desejos materiais insaciáveis dele, culminando no seu confinamento em uma alta torre.

A Moça Tecelã estabelece um paralelo com o tradicional papel feminino, subvertendo-o ao apresentar uma protagonista independente, corajosa e capaz de encerrar um relacionamento que não lhe traz felicidade, denunciando assim as estruturas patriarcais que subjugam as mulheres. A narrativa evidencia a liberdade de escolha da mulher e a coragem de romper com padrões opressivos, ressaltando a importância da conscientização sobre o papel individual na sociedade.

Apresentar essa narrativa às crianças e jovens é crucial para promover uma compreensão mais ampla e inclusiva das relações de gênero, incentivando a percepção e a capacidade de identificar e confrontar relacionamentos abusivos. Através da história da “Moça Tecelã”, os/as leitores/as são instigados a refletir sobre questões de liberdade, autonomia e igualdade de gênero, contribuindo para uma educação que promova o respeito e a valorização de todas as identidades e escolhas individuais.

Capítulo IV: DESBRAVANDO O CAMINHO PARA ABORDAR QUESTÕES DE GÊNERO NA PRÁTICA: O PAPEL DAS NARRATIVAS DE RECEPÇÃO INFANTIL E JUVENIL

A educação escolar desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, influenciando tanto na sua inserção crítica no mundo quanto na perpetuação de estruturas injustas. Conforme Paulo Freire argumenta (2000, p. 27), a educação não pode ser neutra, pois pode servir tanto à transformação social quanto à manutenção do *status quo*.

Nesse contexto, é imprescindível reconhecer o papel crucial da educação na construção das identidades individuais, especialmente no que diz respeito às relações de gênero. Guacira Lopes Louro (2014) ressalta a responsabilidade das instituições educacionais em promover uma abordagem inclusiva, que valorize a diversidade e permita a expressão autônoma das identidades dos indivíduos.

A discussão sobre gênero e diversidade no âmbito educacional, particularmente dentro das escolas, tornou-se uma necessidade premente na sociedade contemporânea. É necessário questionar as estruturas que perpetuam opressão, negação e silenciamento, as quais são frequentemente naturalizadas no ambiente escolar. Louro (2014, p. 67) enfatiza a importância de questionar o que é considerado "natural", sugerindo a urgência em romper com esses processos para possibilitar novas narrativas e configurações dentro de um novo contexto.

Com o objetivo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a escola deve assumir o papel de facilitadora de discussões que ampliem o entendimento sobre as identidades de gênero. Almeja-se formar cidadãos com pensamento crítico, capazes de imaginar novos paradigmas e livres de preconceitos, promovendo assim uma cultura de respeito e diversidade.

Abordar questões de gênero na prática educacional, utilizando narrativas literárias de recepção infantil e juvenil, envolve uma abordagem cuidadosa e deliberada, para isso é necessário:

1. Escolher narrativas que apresentem uma diversidade de personagens em termos de gênero e que desafiem os estereótipos tradicionais de gênero;
2. Antes de compartilhar os livros com os/as alunos/as, é necessário realizar uma leitura crítica para identificar as questões de gênero presentes na narrativa;
3. Ao apresentar os livros aos/as estudantes, é importante fornecer um contexto adequado sobre as questões de gênero abordadas na história. É

crucial estar atento às necessidades e sensibilidades dos/as alunos/as e adaptar a discussão para ser inclusiva e respeitosa das diferentes perspectivas e experiências de gênero;

4. Devem ser promovidas atividades que incentivem os/as educandos/as a explorarem suas próprias identidades de gênero e a considerarem como elas são influenciadas pela sociedade e pela cultura. Isso pode incluir discussões em grupo, escrita criativa, dramatizações ou projetos artísticos;

5. É fundamental enfatizar a importância da empatia e do respeito pelas experiências de gênero dos outros. Os/as estudantes devem ser encorajados a considerarem diferentes pontos de vista e a reconhecerem e valorizarem a diversidade de identidades de gênero;

6. Por fim, os/as alunos/as devem ser incentivados a pensar em maneiras de promover a equidade de gênero em suas próprias vidas e comunidades. Isso pode incluir ações como desafiar estereótipos de gênero, apoiar organizações que trabalham pela igualdade de gênero ou criar projetos que promovam a inclusão e o respeito.

Ao adotar essa abordagem, os/as educadores/as podem contribuir significativamente para a criação de um ambiente escolar que valorize a equidade de gênero e respeite a diversidade de identidades de gênero, promovendo assim uma educação inclusiva e fortalecida para todos.

4.1 Caminhos metodológicos das narrativas apresentadas

Com o intuito de desenvolver uma sequência didática abrangendo temas como a desconstrução da desigualdade, o preconceito e a discriminação de gênero, optamos por adotar a estratégia de promover discussões a partir da leitura de narrativas literárias direcionadas ao público infantil e juvenil. Conforme anteriormente mencionado, reconhecemos que a literatura pode ser uma poderosa aliada na problematização de estereótipos e preconceitos desde a infância. Aguiar e Bordini (1988) ressaltam que a exposição a uma variedade de textos pode ampliar o horizonte de compreensão dos/as educandos/as, permitindo-lhes uma melhor percepção do presente e do seu papel como sujeitos históricos.

A análise das personagens presentes nas narrativas estudadas proporcionou aos estudantes a oportunidade de desenvolver empatia pelo outro, contribuindo para a construção

de uma sociedade mais inclusiva. A leitura das narrativas selecionadas permitiu a integração de discussões sobre gênero e feminismo na sala de aula, oferecendo um espaço propício para a compreensão das complexidades dessas questões de maneira sensível e acessível.

O contato com personagens como Isabel, de *Bisa Bia, Bisa Bel*, Branca de Neve e a Moça Tecelã, permitiu que as crianças compreendessem como essas histórias desafiam estereótipos de gênero, contribuindo para a construção de uma identidade livre de julgamentos e preconceitos.

A compreensão precoce das questões de gênero pode ser benéfica para o desenvolvimento de uma mentalidade aberta e tolerante. Assim, nossa sequência didática, por meio da literatura e das discussões sobre gênero e feminismo, não apenas ampliou a formação literária dos/as alunos/as, mas também pôde contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica e socialmente responsável.

Para dar início à sequência didática na escola, optamos por implementar o método recepcional, seguindo uma série de passos bem definidos e organizados.

No primeiro encontro, buscando a análise dos horizontes de expectativa, para analisar a receptividade dos/as alunos/as sobre o tema, foi realizado uma roda de conversa, onde os/as alunos/as puderam expressar suas opiniões sobre o tema gênero. Foi possível perceber que a maioria tinha conceitos equivocados e preconceituosos, mas todos demonstraram interesse pelo tema. Foi proposto aos estudantes que dialogassem com suas famílias para obter um entendimento das vivências de suas bisavós, avós ou mães na infância, abrangendo aspectos como brincadeiras e oportunidades disponíveis na época. Além disso, as crianças foram incentivadas a trazerem fotografias e objetos de época.

No segundo encontro puderam apresentar suas expectativas, após o diálogo com a família. Desencadearam-se debates focalizados na evolução histórica do papel da mulher. Durante essas conversas, houve uma reflexão sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo e como isso moldou as experiências femininas, tendo como objetivo ampliar o repertório cultural dos/as alunos/as.

Para que a ruptura acontecesse, no terceiro encontro, apresentou-se inicialmente a biografia de Ana Maria Machado, Rita Murrow e Marina Colasanti, seguida pela exploração de suas respectivas narrativas *Bisa Bia, Bisa Bel, Lute como uma princesa*, com o conto da “Branca de Neve” e *A Moça Tecelã*. As abordagens incluíram sessões de leitura e escrita coletiva, individuais e discussões em grupo, com uma alternância constante entre a leitura e interações dos debates. Ao longo desse processo, os/as estudantes gradualmente passaram a discernir como as identidades femininas foram moldadas ao longo das décadas.

Em um quarto encontro, os questionamentos e as inquietações foram suscitados pelas novas leituras e discussões, partindo dos conhecimentos que as crianças já possuíam, gerando reflexões e novas possibilidades de reavaliar comportamentos e ideias acerca do universo feminino. As respostas variaram significativamente. Enquanto alguns manifestaram indignação e revolta diante das disparidades históricas, outros exibiram indiferença.

Já no quinto encontro, o processo se concretizou por meio da ampliação dos horizontes de expectativas ou assimilação. Os/as alunos/as criaram e apresentaram seus cartazes, fundamentando-se nas discussões que ocorreram em sala de aula. Nesse encontro, ficou evidente que nenhum aluno/a ficou passivo diante da narrativa trabalhada, todos participaram ativamente nas discussões e na compreensão dos tópicos abordados.

Notou-se que os/as leitores/as tiveram a oportunidade de assimilar novas ideias relacionadas ao mundo real, o que, possivelmente, suscitou em mudanças comportamentais e em uma expansão de suas perspectivas culturais. Mesmo entre aqueles que inicialmente demonstraram indiferença ou expressaram a visão de que o tema era dispensável, ao final do processo, de maneira discreta, relataram que nunca levaram em conta as diferenças históricas na atribuição de papéis sociais a homens e mulheres.

Concluímos que a concretização deste projeto no âmbito escolar trouxe desafios significativos. A utilização da literatura, por meio da aplicação do Método de Recepção, para abordar temas de tanta importância para o debate, se revelou como uma estratégia complexa e necessária.

Os/as alunos/as demonstraram receptividade em relação às narrativas apresentadas, muitos estabeleceram conexões com suas vivências cotidianas e compartilharam relatos de seus familiares, o que lhes permitiu vislumbrar sobre a construção futura dos papéis de gênero. Nesse contexto, o processo não incentivou apenas uma participação ativa por parte dos/as estudantes, mas também abriu portas para uma reavaliação de suas percepções.

As discussões que emergiram dessa abordagem demonstraram a possibilidade de potencializar e ampliar o horizonte de expectativas dos/as leitores/as, podendo resultar na emancipação dos mesmos. Demonstrando assim, uma perspectiva mais sensível e embasada sobre as questões de gênero e igualdade, contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e consciente.

4.2 Práticas cotidianas na escola para promover as igualdades de gênero

Embora a presença de meninos e meninas na mesma escola seja um passo importante na promoção da igualdade de gênero, simplesmente reunir meninos e meninas não é suficiente para eliminar a desigualdade de gênero. Isso porque essa desigualdade é um fenômeno complexo e enraizado em várias instituições e estruturas sociais, incluindo a educação, a economia, a política e a cultura.

A mera presença de meninos e meninas na mesma escola não garante automaticamente que a igualdade de gênero seja promovida. São necessárias ações específicas e deliberadas para abordar e combater os preconceitos de gênero, estereótipos e discriminação que persistem em muitas sociedades. É importante envolver toda a comunidade escolar, incluindo professores/as, funcionários/as, pais, mães e os/as alunos/as, na promoção da igualdade de gênero.

Algumas mudanças simples que fazem a diferença:

- 1 Demonstrar que não existe carreiras e profissões para meninos e outras para meninas;
- 2 Vincular em todos os momentos mensagens de que não existe coisas de meninos, de um lado, e coisas de meninas, de outro;
- 3 Desvincular as cores rosa, para meninas, e azul, para meninos. Afinal todas as cores são para todos independentes de gênero;
- 4 Perceber que valores e comportamentos como: afetividade, organização, força, carinho, racionalidade, coragem, correr, pular, gritar, chorar, lutar são movimentos igualmente aceitos para meninos e meninas;
- 5 Evitar fazer filas de meninas e filas de meninos, pode-se pensar em filas mistas;
- 6 Implementar currículos inclusivos que abordem questões de gênero de maneira sensível e adequada;
- 7 Promover programas de conscientização sobre os direitos das mulheres e dos homens por meio de um currículo que busque a equidade de gênero, com debates sobre sexualidade em todas as disciplinas;
- 8 Buscar conhecer em diferentes áreas mulheres que tiveram destaques, por exemplo: na ciência, na história, na literatura, na física e em tantos outros

campos que muitos acreditam que apenas homens tiveram destaque. É necessário conhecer a história de diferentes mulheres para que elas possam ser valorizadas e que outras mulheres e meninas se inspirem nelas;

9 Estimular em sala e no pátio trabalhos e brincadeiras para serem desenvolvidas em conjunto;

10 Encorajar meninos e meninas igualmente a serem líderes em grupos, brincadeiras e a falarem em público;

11 Discutir e eliminar piadas racistas, machistas e misóginas;

12 Sempre intervir e buscar fazer reflexões quando meninos e meninas estiverem sendo preconceituosos;

13 Estimular a cooperação entre meninos e meninas, desencorajando a competição de gênero. Evite fazer jogos com times de meninos contra o time de meninas;

14 Promover o rodízio de atividades entre meninos e meninas, para que todos entendam que independentemente de serem meninos ou meninas todos podem desenvolver as mesmas atividades como: servir lanche, carregar uma caixa, passar um pano na mesa que sujou, arrumar os brinquedos que espalhou etc.;

15 Capacitação e formação profissional da comunidade escolar, importante sempre promover o debate e reflexão sobre a importância de uma educação que busque a equidade de gênero;

16 Na hora de escolher os livros didáticos é importante observar como é apresentado as imagens de mulheres, meninas, meninos e homens nesses livros. Buscar por material didático que apresente uma educação igualitária;

17 Desenvolver ações que busquem trabalhar uma educação antirracista e com equidade de gênero de forma permanente, entendendo que essas ações devem ser desenvolvidas ao longo do ano e não apenas em datas comemorativas, e acima de tudo contemplar essas ações no Projeto Político Pedagógico da escola. Isso pode ser feito por meio de campanhas de

sensibilização, grupos de discussão para educadores/as e apoio psicossocial para alunos/as.

É fundamental efetivar políticas e práticas que promovam a equidade de gênero na escola, com medidas para prevenir e responder ao assédio sexual e à violência de gênero. Em suma, é essencial implementar ações específicas e intencionais para acabar com a desigualdade de gênero na escola e na sociedade como um todo. Isso requer um compromisso contínuo e colaborativo de todos os setores da comunidade escolar e além dela.

4.3. Reflexão

Foi possível perceber o apreço que as crianças demonstraram pela maneira como apresentamos as histórias, destacando especialmente a apreciação pela narrativa de *Bisa Bia, Bisa Bel*. A maioria também manifestou interesse no conto *A Moça Tecelã*. Os/as estudantes compartilharam que, muitas vezes ao chegarem em casa, conversavam com seus responsáveis sobre as histórias e enfatizavam a importância de tratar as mulheres com respeito, destacando seus direitos iguais aos dos homens. Muitos/as estudantes observaram que alguns pais, embora surpresos, concordaram com os/as filhos/as. Em outros momentos, compartilharam suas reflexões sobre relacionamentos, expressando sua consternação diante do tratamento desrespeitoso e preconceituoso que as mulheres enfrentam.

Esses relatos reforçam a ideia de que a leitura literária faz refletir sobre as próprias experiências, e que é importante reconhecer que os textos literários têm uma natureza complexa e aberta. Conforme Aguiar e Bordini (1988), a pluralidade de significados dos textos literários indica que eles podem ser interpretados de diversas maneiras. Cada leitor/a pode extrair significados distintos de um texto, dependendo de suas experiências, perspectivas e contexto cultural.

Nesse contexto, é válido ressaltar que a leitura literária não se restringe a uma única interpretação, mas, ao contrário, oferece múltiplas camadas de significado. Essa característica possibilita uma ampla variedade de reflexões e conexões pessoais, como evidenciado nas observações dos/as estudantes. Dessa forma, a experiência da leitura literária não apenas enriquece o repertório individual do/a leitor/a, mas também o capacita a reavaliar e atribuir novos significados à sua própria realidade.

A abordagem de narrativas femininas na educação, tanto para meninas quanto para meninos, desempenha um papel crucial na compreensão da importância da mulher na história

e na sociedade contemporânea. Essa prática não só valoriza as contribuições das mulheres, mas também promove a conscientização sobre questões de gênero e desigualdades sistêmicas.

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que a história e a literatura têm sido predominantemente contadas do ponto de vista masculino, muitas vezes ignorando ou minimizando as experiências e realizações das mulheres. Ao incluir narrativas femininas no currículo educacional, os/as alunos/as têm a oportunidade de se familiarizar com uma variedade de vozes e perspectivas femininas, o que contribui para uma visão mais abrangente e equilibrada da história e da sociedade.

Além disso, ao estudar narrativas femininas, tanto meninas quanto meninos podem desenvolver empatia e compreensão das experiências e desafios enfrentados pelas mulheres ao longo da história e na atualidade. Isso é fundamental para promover a equidade de gênero e combater o sexismo e a discriminação de gênero.

Em relação à importância de demonstrar o privilégio da mulher branca em relação à mulher negra, é essencial reconhecer que o feminismo precisa ser inclusivo e interseccional. Mulheres brancas e negras enfrentam diferentes formas de discriminação e opressão, e é importante que as mulheres brancas reconheçam e confrontem seu próprio privilégio racial.

Ao estudar narrativas escritas por mulheres negras e discutir questões como o racismo sistêmico e a interseccionalidade, os/as alunos/as podem desenvolver uma compreensão mais profunda das interconexões entre gênero, raça e outras formas de opressão. Isso contribui para uma abordagem mais abrangente e inclusiva do feminismo, que busca não apenas a igualdade de gênero, mas também a justiça social para todas as mulheres, independentemente de sua raça, etnia ou origem socioeconômica.

Em suma, trabalhar com narrativas femininas na educação é essencial para promover a equidade de gênero, ampliar o repertório literário dos alunos e promover uma compreensão mais profunda das experiências das mulheres na história e na sociedade contemporânea. Ao reconhecer e confrontar o privilégio da mulher branca em relação à mulher negra, os/as alunos/as podem contribuir para um movimento feminista mais inclusivo e eficaz.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2022.

_____. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

bell hooks. In WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks. Acesso em: 13 maio 2024.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

ESTÉS, Dra. Clarissa Pinkola. **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 61. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. 36. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **A escola e a pluralidade dos tempos e espaços**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Escola Básica na virada do século: Cultura, política e currículo*. 3. ed. São Paulo: Cortez, p. 119-129, 2002.

_____. **Gênero, história e educação**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n.2, jul./dez.1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução**. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Segredos e mentiras do currículo.** Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron da (org.). *A escola cidadã no contexto da globalização.* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 33-47.

_____; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia Bisa Bel.* 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

MURROW, Vita. **Lute como uma princesa.** 1. Ed. São Paulo: Boitatá, 2019.

REDAÇÃO SUPER. In: **Por que os homens escoceses usam saia?** A moda celta virou símbolo nacional da Escócia. [S. l.], 30 jan. 2000. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/moda-celta-virou-simbolo-da-escocia>. Acesso em: 25 abr. 2024.